



A elite marginal

CARLOS ALEXANDRE//carlos.alexandre@correioweb.com.br

Muito já se falou sobre *Tropa de elite*. Não pretendia me estender no assunto, mas depois de assistir ao filme no cinema — de uma hora para outra, pagar um ingresso de R\$ 18 ou comprar um DVD pirata por R\$ 5 tornou-se a senha do nosso comportamento ético — decidi emitir uma modesta opinião no debate.

Para mim, um dos méritos do filme, entre os vários já citados, é expor com notável grau de verossimilhança a participação da chamada elite, ou "burguesia", no roteiro do tráfico de drogas. O personagem principal não é o capitão Nascimento e seu discurso para justificar a violência em detrimento da Justiça. Tampouco é a corrupção policial, a disciplina espartana do Bope ou a desumanidade do tráfico, retratadas com fidelidade pelo filme. Quem está na mira de tiro é a elite brasileira.

A pesquisa *O Estado da Juventude: Drogas, Prisões e Acidentes*, divulgada esta semana pela Fundação Getúlio Vargas, é muito clara a respeito de quem desempenha um papel fundamental no sistema criminoso. O estudo aponta que homens, jovens, brancos e de alta renda são consumidores importantes de drogas. Levando-se em conta que a pesquisa reúne apenas respostas voluntárias, presume-se que ha-

ja um contingente muito maior de brasileiros em boas condições de renda e educação que mantêm um envolvimento com o tráfico de entorpecentes. É a elite marginal.

Essa parcela da sociedade tem a oportunidade de contribuir de maneira significativa para tornar o país mais justo, mas sucumbe à marginalização e adere ao crime. Note-se que *Tropa de elite* concentra-se no consumo das chamadas drogas ilícitas clássicas — maconha e cocaína — cujo comércio está nas mãos de chefes de favelas e cartéis. Quem acompanha o noticiário sabe, porém, que o tráfico de drogas sintéticas tem um envolvimento bem mais profundo de pessoas supostamente de bem. O barão do ecstasy vai às mesmas baladas da elite, malha na mesma academia da garotada, frequenta os mesmos restaurantes e bares da moda. É um personagem bem mais sofisticado do que o chefe do morro caracterizado pelo diretor José Padilha.

A punição efetiva aos criminosos de elite, infelizmente, é uma operação mais complexa do que subir o morro e metralhar bandidos. É a mesma dificuldade de prender político corrupto. Para esse tipo de bandido, o Brasil ainda não dispõe de uma tropa de elite.